

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Adriana Borella Pessoa

**AS IMPLICAÇÕES DO ESPAÇO FÍSICO
PARA O DESENVOLVIMENTO DOS
JOGOS E BRINCADEIRAS**

**Porto Alegre
2010**

Adriana Borella Pessoa

**AS IMPLICAÇÕES DO ESPAÇO FÍSICO
PARA O DESENVOLVIMENTO DOS
JOGOS E BRINCADEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientadora:
**Profa. Dra. Gládis Elise Pereira da Silva
Kaercher**

Tutora:
Rossana Coelho

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa em primeiro lugar a Deus, Senhor de todo o universo, de todas as coisas, aquele que me proporcionou estar aqui, comemorando este momento.

Ao meu esposo Agnaldo, verdadeiro companheiro que sempre me estimulou a continuar nesta caminhada, aos meus três filhos, Paola, Leonardo e Helena, presentes que Deus me deu, aos meus alunos, oportunidade de crescimento e aperfeiçoamento nesta pesquisa e também à direção da escola, que me acolheu e me apoiou nas mudanças.

AGRADECIMENTOS

Concluindo esta etapa gostaria de agradecer aqueles que de uma forma ou outra contribuíram para a realização deste sonho:

Ao meu esposo, Agnaldo, que foi paciente e colaborador, tomando conta em muitos momentos dos afazeres da casa e das crianças;

Aos meus queridos filhos, que em muitos momentos tiveram uma mãe ausente, estressada, que embora preocupada não tinha condições de ajudar, mas que a partir de agora terá mais tempo para lhes dedicar;

Aos meus alunos, motivo pelo qual busco aperfeiçoamento;

À direção da escola que me recebeu e me acolheu sempre me incentivando nas mudanças e melhorias da sala de aula;

À minha querida amiga Seloí que me trazia livros e materiais para pesquisar;

Às colegas de curso que sempre foram muito parceiras, especialmente a Ana Maria, a Rosilaine e a Veridiana que em muitos momentos trabalhamos juntas, uma tirando as dúvidas da outra e dando força uma pra outra;

A todos os professores e tutores que estiveram comigo nesta caminhada, especialmente ao professor Crediné por sua calma achando sempre que era possível; à professora Gládis por estar sempre nos ajudando no estágio e na construção da pesquisa e às tutoras Rossana, Simone Bicca e Celi pela ajuda incessante;

E principalmente a Deus, meu Senhor e Salvador, que me oportunizou estar aqui, vivenciar todos estes anos de trabalho, experimentar novos desafios na busca por uma qualificação profissional.

“As Tuas mãos me fizeram e me aperfeiçoaram”
Salmo 119.73

Deus é alegria. Uma criança é alegria. Deus e uma criança têm isso em comum: ambos sabem que o universo é uma caixa de brinquedos. Deus vê o mundo com os olhos de uma criança. Está sempre à procura de companheiros para brincar.

Rubem Alves

RESUMO

Esta pesquisa procura explicar como a organização do espaço físico na Educação Infantil interfere no desenvolvimento das crianças, nos aspectos emocionais, sociais, cognitivos e físicos. Procura estabelecer ainda uma relação entre a organização do espaço escolar e a autonomia e criticidade surgidas durante os jogos e brincadeiras na sala de aula. Destacando a necessidade de espaços escolares, a pesquisa também faz referência à importância do brincar, onde a criança tem a possibilidade de superar seus limites, vencer desafios, errar e corrigir seus erros, resolver questões internas, conflitos, buscando sentido para sua vida. Para a realização da pesquisa foram considerados dois fatores importantes, um estágio supervisionado, realizado no período de abril a junho de 2010, e alguns referenciais teóricos, como: Craidy e Kaercher (2001), Horn (2004), Kishimoto (1998), Freire (1998), entre outros. Estes autores defendem a idéia da criação e organização de diferentes espaços na sala de aula, uma vez que procuram respeitar os interesses dos alunos, contribuindo para sua autonomia, despertando sua curiosidade, criatividade, criticidade e autoconfiança, além de possibilitar sua interação com o grupo. Também procura fazer uma reflexão acerca do fazer pedagógico do professor, que tendo um olhar voltado para as necessidades do aluno, procura criar condições para o seu desenvolvimento numa relação de parceria e cumplicidade.

Palavras-chave: Espaço físico, autonomia, criatividade.

ABSTRACT

This research seeks to explain how the organization of physical space in early childhood education affects the development of children, emotional, social, cognitive and physical. It seeks to establish a parallel between the organization of school space and autonomy and criticality arising during the fun and games in the classroom. Stressing the need for school places, the survey also mentions the importance of play, where the child is able to overcome their limits, overcome challenges, make mistakes and correct their mistakes, resolve internal issues, conflicts, seeking for meaning in his life. To carry out the research were considered two important factors, a supervised internship, conducted between April-June 2010, and some theoretical, as Craidy and Kaercher (2001), Horn (2004), Kishimoto (1998), Freire (1998), among others. These authors advocate the idea of creation and organization of different spaces in the classroom, since they aim to respect the interests of students, contributing to their autonomy, arousing their curiosity, creativity, criticism and self-confidence, and enable its interaction with the group. It also seeks to make a reflection about the teaching of the teacher who has a penchant for the student's needs, seeks to create conditions for their development in a relationship of partnership and complicity.

Keywords: Physical space, autonomy, creativity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR	11
2.1 Organizando espaços escolares.....	12
2.2 Agora é Hora de Brincar.....	16
2.3 Professor e aluno – Uma relação de cumplicidade.....	17
3 OS ESPAÇOS ESCOLARES E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS ..	19
4 ANALISANDO OS DADOS COLETADOS	21
4.1 Organizando os Espaços.....	22
4.2 Brincar é algo sério e importante	26
4.3 Um outro olhar sobre as mudanças.....	26
5 ESPAÇOS ORGANIZADOS – ALUNOS DESAFIADOS	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

O ato de brincar é uma necessidade básica da criança. Ao brincar ela se torna mais ativa e, ainda, percorre com tranqüilidade e segurança as etapas do seu desenvolvimento.

No intuito de buscar estimular este desenvolvimento dentro do contexto sala de aula, o espaço físico vem se tornar um elemento fundamental a ser observado. A organização do espaço deve ser pensada no sentido de proporcionar aos alunos ricas interações entre si e com o meio, favorecendo o desenvolvimento da autonomia e criticidade surgidas durante os jogos e brincadeiras.

O espaço físico deve constituir-se de possibilidades e desafios, priorizando elementos da cultura na qual a criança está inserida, promovendo a troca de informações e o desenvolvimento de suas potencialidades.

Sendo a criança construtora do seu conhecimento, a organização de diversos espaços dentro da sala de aula permite que ela aprenda a fazer escolhas, compreenda o que é certo e errado e tenha clareza sobre seus atos.

Então, estando o ambiente escolar bem organizado, possibilitará à criança descobertas pessoais, independência, liberdade, além da alegria e do prazer de estar na escola.

2 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Ao nascer, a criança tem necessidade de ter espaços à sua volta que possibilitem o seu desenvolvimento. Desde bem pequena ela “adota” e se familiariza com alguns espaços, primeiramente na casa, no pátio, no seu quarto com seus brinquedos. Em seguida, na escola, ela tem um contato com um número maior de pessoas, onde na sua interação com o meio ocorrerão aprendizagens.

Antes de mais nada, quero chamar atenção para a importância do brincar em todo seu contexto. A criança, que naturalmente traz consigo em sua essência a inocência, vê no brincar a possibilidade de superar seus limites, vencer desafios e buscar sentido para sua vida. Conforme Kishimoto (1998, p.63):

Recorrendo à metáfora do desenvolvimento infantil como recapitulação da história da humanidade, o Romantismo, com sua consciência poética do mundo, reconhece na criança uma natureza boa, semelhante à alma do poeta, considerando o jogo sua forma de expressão. Mais que um ser em desenvolvimento com características próprias, embora transitórias, a criança é vista como ser que imita e brinca, dotada de espontaneidade e liberdade.

O importante é que ela possa brincar livremente, agregando aos seus, novos saberes. É através do brincar que a criança resolverá questões internas conflitantes. “Brincar é a fase mais importante da infância – do desenvolvimento humano neste período – por ser a auto-ativa representação do interno – a representação de necessidades e impulsos internos.” (FROEBEL apud KISHIMOTO 1998, p. 68).

Froebel, (apud KISHIMOTO, 1998), atribui um grande valor ao “brincar” quando considera esta a fase mais importante da infância. Realmente, quando brinca a criança expõe tudo o que está internalizado, coloca para fora suas dúvidas, medos, insegurança, frustrações, enfim, tudo aquilo que lhe inquieta. Através do brincar a criança libera seus sentimentos, suas emoções. Ela transpõe para suas brincadeiras e jogos suas necessidades, desejos, angústias, medos, aflições, enfim, tudo aquilo que tem guardado no seu interior e não sabe como expressar. Através

do brincar ela começa a se situar, estabelecendo relações entre as pessoas e o mundo. Pude observar, em alguns momentos em sala de aula, algumas situações do seu cotidiano sendo verbalizadas e utilizadas nas próprias brincadeiras, como por exemplo, xingamentos, fazer o serviço, cuidar do bebê, ir para o trabalho, etc.

A criança que brinca, tendo respeitados os seus direitos de simplesmente ser criança, atua no mundo sem medo de represálias, ou seja, é ativa e feliz. Tendo características próprias e bem peculiares, necessita desta infância feliz para percorrer em segurança todas as etapas do seu desenvolvimento, entre elas, a emocional, social e a física. Froebel (apud KISHIMOTO 1998, p.68) destaca que:

A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo – da vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo... a criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente torna-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do seu bem e de outros... como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação.

Também vale destacar que o brincar para a criança é muito importante, independente do contexto social em que esteja inserida, de problemas pelos quais passe já desde a infância, onde muitas vezes a realidade é dura e cruel, se ela tem a oportunidade de brincar, consegue viabilizar possibilidades de resolver situações do seu cotidiano, o que é fator determinante para vencer as turbulências e continuar buscando ser feliz. Horn (2004, p.70) acrescenta: “O brinquedo sempre fez parte da vida das crianças, independentemente de classe social ou cultural em que está inserida”.

2.1 Organizando espaços escolares

Pensando na continuidade do processo de desenvolvimento da criança, a escola passa a ser a principal protagonista desta construção: “[...] a escola é a instituição social que se apresenta como responsável pela educação sistemática das crianças, jovens e até mesmo de adultos”. (DAVIS E OLIVEIRA, 1993, p.23)

Lançando um olhar sobre a escola pública atualmente, nos deparamos com uma precariedade em relação à materiais, brinquedos, jogos e outros que favoreçam as aprendizagens dos alunos. Considerando esta realidade fica o professor

incumbido de pensar possibilidades alternativas que venham suprir tais necessidades, observando aspectos importantes e relevantes no desenvolvimento do aluno.

Sabendo-se que a criança com o passar do tempo começa a procurar “companheiros” para suas brincadeiras, normalmente escolhidos por afinidade ou interesses, cabe ao professor oportunizar espaços diferenciados que possibilitem estas escolhas. Segundo Horn (2004, p.71):

O brinquedo satisfaz as necessidades básicas de aprendizagem das crianças, como, por exemplo, as de escolher, imitar, dominar, adquirir competências, enfim de ser ativo em um ambiente seguro, o qual encoraje e consolide o desenvolvimento de normas e valores sociais.

Daí a necessidade de haver diversos espaços na sala de aula configurando-se em “cantinhos”, onde a criança pode dirigir-se aquele que lhe convidar a brincar. Tal organização deverá estimular a independência e a autonomia dos alunos. Neste aspecto Craidy e Kaercher (2001, p.77) colocam:

[...] Na medida em que planejamos um ambiente onde ela possa por si só dominar seu espaço, fornecendo instalações físicas para que com independência possa beber água, ir ao banheiro, pegar toalhas, materiais, ter acesso a prateleiras e estantes, estamos pensando num ambiente não somente como cenário, mas, certamente como parte integrante da ação pedagógica.

A organização do espaço escolar tende a colaborar na formação do indivíduo, que sabe-se, necessita viver em sociedade.

Vivendo em sociedade, a criança aprende a planejar, direcionar e avaliar a sua ação. Ao longo desse processo, ela comete alguns erros, reflete sobre eles e enfrenta a possibilidade de corrigi-los. Experimenta alegrias, tristezas, períodos de ansiedade e de calma. Trata de buscar consolo em seus semelhantes. Não concebe a vida em isolamento. (DAVIS e OLIVEIRA, 1993, p. 17).

E é na escola, depois da família, que a criança tem a oportunidade de experimentar uma vida em sociedade, onde estarão presentes inúmeros sentimentos, numa relação de convivência uns com os outros, aprendendo a resolver desde cedo seus conflitos.

No ambiente escolar a criança sofre uma transformação radical em sua forma de pensar. Antes de se entrar nela, os conhecimentos são assimilados de modo espontâneo, a partir da experiência direta da criança. Em sala de aula, ao contrário, existe uma intenção prévia de organizar

situações que propiciem o aprimoramento dos processos de pensamento e da própria capacidade de aprender. (DAVIS e OLIVEIRA, ANO, p.23)

Quando a criança tem a oportunidade de viver ativamente com outras pessoas e objetos, neste caso, seus colegas, brinquedos e brincadeiras, experimenta descobertas pessoais numa sensação de liberdade e prazer. Vivendo em sociedade aprende a ganhar e perder, respeitar regras e normas estabelecidas, embora no início com dificuldade, aos poucos acaba fazendo parte do cotidiano. Segundo Davis e Oliveira (1993, p. 17) “é também no convívio social, através das atividades práticas realizadas, que se criam as condições para o aparecimento da consciência [...]”.

Ao pensarmos na criança tendo a oportunidade de viver em sociedade na educação infantil, a escola encontra-se numa posição de responsável por um fazer pedagógico que contemple a formação deste educando como um todo. Davis e oliveira ressaltam:

Todo ser humano pode desenvolver grande capacidade imaginativa, desde que sejam garantidas condições para tal: um ambiente acolhedor que promova a liberdade de pensamento, que incentive a ousadia nas formas de expressão, que valorize a descoberta do novo. (DAVIS e OLIVEIRA, 1993, p. 70)

Assim sendo, cabe ao professor, na hora de planejar, proporcionar espaços que venham garantir o desenvolvimento da imaginação nas crianças. Segundo Craidy e Kaercher (2001, p.77), “planejar cantos e recantos da sala de aula implica um planejamento intencional, comprometido com o retrato do grupo, com as metas que nos propomos a atingir”.

O aluno deve ter a possibilidade de optar por quais espaços quer brincar, seja na cozinha, no cantinho dos brinquedos, no cantinho da leitura, no espaço livre, nas mesas, usufruindo de sua liberdade de escolha, trabalhando sua autonomia, independência, criticidade e criatividade.

Considerando que a criança é naturalmente ativa, necessita sempre de novos desafios. É importante que o professor tenha um olhar atento por quais as preferências dos alunos na hora de brincar, assim, poderá ir planejando novas ações, de acordo com as necessidades das crianças. Neste sentido, Craidy e Kaercher (2001, p. 67) apontam que:

É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados.

Ainda neste sentido, o professor precisa estar atento para a necessidade de mudanças nestes espaços organizados na sala de aula. Ao longo do tempo, as crianças vão se desmotivando, e esta é a hora de repensar o ambiente, tendo em vista a continuidade de seu processo de desenvolvimento. Segundo Carvalho (2009, p.155):

De tempos em tempos, é importante reorganizar ou mudar a estruturação de sua sala, para motivar mais as crianças. Porém, ofereça sempre áreas ou cantinhos fechados, que favorecem o envolvimento das crianças em atividades e em interações com os companheiros.

Com as mudanças, novas interações acontecerão, o que neste momento é positivo, a criança já está adaptada à rotina e se sentirá segura para iniciar novas explorações. Segundo Silva *et al.* (2009 p. 159) “os cantos estruturados, organizados e reorganizados de tempos em tempos, promovem interações e autonomia para os pequenos”.

Convém destacar que a organização do espaço não é algo que necessita estar pronto desde o início das aulas, pelo contrário, é mais significativo que seja pensado, planejado e construído ao longo do tempo, assim contará com a participação das crianças, considerando suas necessidades e preferências. Além do mais, pensar em espaços organizados, em jogos, brinquedos e brincadeiras só terá sentido se pensarmos no envolvimento da criança com os mesmos. Craidy e Kaercher (2001, p. 74) asseguram “não é preciso ter um espaço completamente pronto e praticamente imutável desde o primeiro encontro. O espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com necessidades, usos, etc.”

Assim, o pensar pedagógico do professor, revela uma preocupação no sentido de viabilizar estratégias para que os alunos brinquem, interajam entre si e ocorra aprendizagem.

O olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica. (HORN, 2004, p.15)

2.2 Agora é Hora de Brincar

Estando os alunos adaptados à rotina escolar, onde os “cantinhos” estão garantindo inúmeras experiências, vivências e o seu amadurecimento, é hora de brincar. A criança leva tempo até construir sua brincadeira, pensar o seu brincar, então é necessário que lhe seja oferecido tempo para explorar este momento. Conforme Craidy e Kaercher (2001, p. 69): “é importante que nos períodos de jogos de livre escolha as crianças tenham o tempo para construir a brincadeira e desenvolva-la”.

Tendo as crianças experimentado todos os ambientes na sala de aula, poderão com o tempo utiliza-los com segurança e autonomia sem o auxílio do professor. Mesmo os mais retraídos e dependentes, poderão vir a realizar atividades por conta própria. Neste sentido Carvalho (2009, p. 154) nos coloca que “com o passar do tempo, com certeza, muitas crianças utilizarão todas as áreas oferecidas, inclusive as que necessitam de seu auxílio para a execução das atividades.”

A hora de brincar também deve ser um momento onde o professor pode interagir com a criança, entrando em seu mundo, viajando nos seus mistérios. O adulto também tem muito a aprender com a criança, e a criança muito a ensinar. Segundo Silva *et al.* (2009, p.160):

Cada novo canto, com novos temas e personagens, é um estímulo para a capacidade de criação das crianças e dos educadores. O canto dá oportunidade para interagirmos com as crianças. Dá oportunidade também para que haja interação entre elas.

Quando a criança brinca, nos mostra como gostaria que fosse o mundo. Ela fantasia situações entre o real e o imaginário. Quanto mais rica em termos de possibilidades for a sua infância, maiores as chances de ter sua vida adulta bem resolvida. Vale lembrar que quando brinca a criança experimenta a possibilidade de errar e corrigir seu erro, sente prazer e se frustra, aprende a ganhar e perder, adquirindo mais confiança em si mesma, numa relação sua com o mundo.

2.3 Professor e aluno – Uma relação de cumplicidade

Sendo no brincar que se constroem as primeiras aprendizagens, o ato de “ser professor” demanda uma enorme responsabilidade, a de contribuir para a formação dos futuros cidadãos. E uma infância feliz é o primeiro passo para uma vida adulta feliz. Como afirma Freire (1998, p.66):

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia: o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosa e presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

Freire nos aponta uma situação que não foge de nossa realidade escolar, quando muitos professores não compreendem o que o aluno quer dizer com tais atitudes, procurando deixar claro quem é quem manda, quem é a autoridade dentro da sala de aula, muitas vezes anulando o aluno em sua condição de estudante, em sua necessidade de argumentar, contestar e dizer o que pensa.

Na verdade, não se trata de uma tarefa fácil o fato de que o professor necessita estar disposto a assumir o comprometimento de procurar “remexer” em suas concepções, repensando sua prática e seu fazer pedagógico. Freire (1998, p.86) ainda coloca que “Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela.”

E adotando uma postura mais reflexiva, o professor percebe mais nitidamente as necessidades do aluno, uma delas é a proximidade de ambos. A criança espera encontrar no adulto, neste caso no professor, afeto e segurança. Indiscutivelmente para a criança o professor faz parte de sua vida, e considerando que durante um ano inteiro se encontram praticamente todos os dias, dá para se dizer que um faz parte da vida do outro, sendo assim, não há como não existir nesta relação sentimentos e emoções.

Somos, portanto, responsáveis por um novo amanhã, onde veremos os frutos daquilo que hoje plantamos.

“Programados para aprender e impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.” (FREIRE, 1998, p.94)

E no final das contas, professor e alunos são cúmplices, protagonistas de uma mesma história que vislumbra um final feliz.

3 OS ESPAÇOS ESCOLARES E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Esta é uma pesquisa básica de cunho qualitativo que visa explicar como a organização do espaço físico da sala de aula interfere no desenvolvimento das crianças, mais precisamente na autonomia e criticidade surgidas durante os jogos e brincadeiras.

A pesquisa realizou-se a partir de um estágio desenvolvido, no período de abril a junho de 2010, com uma turma de educação infantil, composta por quinze alunos, sendo oito meninos e sete meninas, no Colégio Estadual José de Alencar, em São Francisco de Paula-RS.

A partir desta experiência vivenciada e das leituras realizadas que defendem esta idéia, pretendo com esta pesquisa explicar acerca da importância de haver dentro da sala de aula, diversos “cantinhos”, com diferentes opções, onde os alunos podem dirigir-se aquela de sua preferência, a que lhe parecer mais atrativa naquele momento, que conforme Moyles (2002, p.87) “deve estimular e inspirar a exploração e os adultos podem criar exposições e lugares interessantes com materiais específicos a serem explorados pelas crianças.”

A escola onde foi realizada a pesquisa fica situada no centro da cidade, onde estudam cerca de mil alunos, distribuídos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Trata-se de uma escola de aplicação, pois oferece também o Curso Normal, onde os alunos, que se preparam para ser professores, realizam suas práticas, organizam oficinas, promovem jogos e brincadeiras, envolvendo os alunos das series iniciais.

O prédio da escola é muito antigo, já que a cidade também é bastante antiga, há muitos anos atrás funcionava um colégio interno de freiras. A sala de aula segue o mesmo padrão de toda a escola, imagina-se que eram dois dormitórios, pois para tornar-se sala de aula uma parede interna foi aberta, aumentando assim o

espaço. Há junto à sala um banheiro grande, com uma banheira muito antiga, que por sinal, as torneiras e chuveiros ainda funcionam.

Devido a diversos fatores, entre eles as dimensões físicas da escola, faltam recursos para a manutenção e aquisição de materiais pedagógicos, jogos e brinquedos.

Como é a única escola pública com ensino médio no município, recebe alunos de todos os bairros da cidade, do interior, sendo de diferentes classes sociais, com características bem peculiares.

Desta forma, a coleta de dados deu-se através da observação das crianças no seu brincar, tanto antes de serem criados e organizados os espaços escolares, como depois. Também apoiada em teorias que vêm na organização espacial maiores e melhores possibilidades para o desenvolvimento das crianças.

Considerando as características e necessidades da turma, desenvolvi a pesquisa na intenção de transformar tal realidade. E conforme Freire (1998, p.95), “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino”.

4 ANALISANDO OS DADOS COLETADOS

Vim me dedicar a esta pesquisa a partir do momento em que entrei na escola, no começo de abril de 2010 para realizar meu estágio e me deparei com uma situação intrigante, os alunos não tinham autonomia nem independência para brincar onde quisessem na sala de aula, e embora eu dissesse que poderiam explorar outros espaços na sala, não ficando apenas no seu lugar, na sua mesa, permaneciam naquela situação de dependência, parecendo não saber como proceder. Na maioria das vezes ficavam esperando que eu lhes oferecesse uma caixa com brinquedos, onde brincariam com o que lhes fosse dado, sem questionar, pelo contrário, em muitos momentos ainda perguntavam: “o que é para fazer, profe?” Faltava nas crianças uma atitude emancipatória.

Acredito que isto se deve ao fato de que durante muito tempo a idéia que se tinha sobre educação infantil era completamente diferente. Não era permitido aos alunos o direito de brincar livremente, de explorar o espaço e tudo o que há em sua volta. Eram feitas atividades em folhas para as crianças pintar, recortar, colar, preencher pontilhados, linhas e assim por diante. Neste sentido, Horn (2004, p.27) afirma que “na educação infantil, é comum os arranjos espaciais não permitirem a interação entre as crianças, impossibilitando sua apropriação dos espaços através de objetos”.

Horn (2004) também nos fala da existência de um “lugar nobre” na sala de aula, que mesmo sendo na educação infantil, é destinado à mesas e cadeiras, onde a criança normalmente fica desenhando, pintando e utilizando seu próprio material. Acertadamente visualizei este panorama na turminha em que fiz a pesquisa. Pude entender que a idéia era de se priorizar atividades que fossem desenvolvidas nas mesas, onde o aluno permanecesse em seu lugar para realizá-las. É claro, crianças em seu lugar menos barulho, menos bagunça, mas também menos interação, resultando numa aprendizagem empobrecida e deficiente.

Neste aspecto vemos o quanto é difícil para o professor romper com velhos paradigmas estabelecidos e firmados e firmado pelos seus muitos anos de trabalho, onde se defendia uma educação bancária. Realmente, estar aberto às mudanças é bastante difícil e complicado, porém necessário quando se quer pensar numa educação libertadora, onde o aluno pode aprender a relacionar-se, tomar decisões sobre o que é certo e errado, fazer escolhas e desenvolver-se na sua integralidade.

A realidade da escola pública, se sabe, é difícil, desprovida de recursos para a obtenção de materiais e a aquisição de jogos e brinquedos. Ao olhar em volta, na sala de aula, visualizei uma triste realidade, quase não havia brinquedos na sala, os poucos que tinha estavam quebrados, estragados e não atraíam os alunos. Percebi que isto era um fator desmotivador.

Decidi tentar mudar esta realidade, buscando possibilidades para melhorar o ambiente, visando a satisfação e o desenvolvimento das crianças.

4.1 Organizando os Espaços

Na intenção de proporcionar diferentes espaços, onde as crianças tivessem a possibilidade de escolha, decidi criar “cantinhos” na sala de aula que seriam “[...] parte integrante da ação pedagógica” (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p.76)

O ambiente não convidava os alunos à alegria, nem tampouco motivava interações. Inicialmente consegui com a diretora da escola uma estante, um armário e com a ajuda das crianças, fui reorganizando o espaço escolar.

Fiz uma cartinha aos pais colocando minha intenção de melhorar um pouco a qualidade do ambiente onde seus filhos estudam e que deu muito resultado, vieram muitas doações de brinquedos, joguinhos, livrinhos e almofadas. As crianças ficaram eufóricas e entusiasmadas. “O papel da professora, o tempo todo, é o de apoiar aquilo que as próprias crianças estão ansiosas para aprender e interessadas em fazer” (MOYLES, 2002, p.110).

Montamos o cantinho da leitura, onde coloquei à disposição muitos livrinhos, já que os mesmo encontravam-se guardados no armário. As crianças agora podiam sentar-se no chão para “ler”, olhar os livrinhos, fazer suas constatações sobre as histórias, imaginar, criar, sonhar. Neste cantinho passou a acontecer a “Hora do

Conto”, onde as crianças já esperavam para ouvir uma história. Concordo com Abramovich quando diz que “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias” (ABRAMOVICH, 1997, p.16) este espaço veio despertar nos alunos o gosto pela literatura infantil, podiam viajar num mágico universo onde a imaginação fica encarregada de nos transportar.

Com o passar do tempo, as crianças sentiam-se seguras para usar o avental, e mesmo não estando ainda alfabetizadas, podiam recontar a história através das imagens, a partir do que ouviram, e da sua própria imaginação.

Craidy e Kaercher (2001, p.85) reforçam “A participação da criança nestes rituais de leitura permite que ela vá construindo seu próprio modelo, vivencie esta experiência e a percepção de que cada um encontra o seu jeito, o modo que mais lhe agrada”.

Posso afirmar então que a criação de espaços, cantinhos na sala de aula, favorece o desenvolvimento da autonomia, independência, criticidade e criatividade nas crianças. Isto já começava a acontecer.

Situação 1:

Com o cantinho da leitura percebi que as crianças estavam sofrendo transformações, favorecendo o seu desenvolvimento de forma significativa:

- Passaram a sentir verdadeira paixão pelo universo mágico das histórias;
- Compreenderam que utilizamos símbolos para representar a escrita;
- Estavam mais familiarizadas com as letras, reconhecendo-as em diferentes momentos, identificando como sendo a letra do nome do “Pedrinho”, da “Aninha”, como também em outras palavras

Também organizei o “cantinho dos brinquedos”, onde coloquei uma estante com joguinhos, carrinhos, pecinhas de madeira para montar, brinquedos de encaixe, quebra-cabeças, boliche e outros. Os meninos, principalmente, adoraram este espaço, podiam construir suas fazendas, colocando animais, fazendo garagens para seus carros e motos. A cada dia que passava podia perceber que estavam mais criativos, independentes e exploravam novas brincadeiras.

Ora, sendo meu objetivo era promover o desenvolvimento das crianças no todo, através do brincar em diferentes espaços na sala de aula, permitindo sua exploração, escolha, opção, conforme suas necessidades, então já estava feliz. As crianças já estavam muito diferentes de como as encontrei. Moyles (2002, p 35). afirma que “Aqui está uma grande força do brincar: os indivíduos, quer adultos, quer crianças, podem brincar à sua maneira, aproveitando dessa experiência toda a aprendizagem para a qual estão “prontos” naquele momento.”

Teve um dia que fizeram até combinações sem eu saber, trouxeram de casa somente para brincar naquele momento, animais da fazenda, tratores, carrinhos e outros, buscando explorar o cantinho dos brinquedos. Já estavam demonstrando maturidade, compromisso e autonomia para decidir o que fazer, como e quando fazer.

Situação 2:

O cantinho dos brinquedos também provocou mudanças nas atitudes e comportamento das crianças, entre elas:

- Estavam “aprendendo” a brincar por conta própria, decidiam suas brincadeiras, resolviam como seriam organizadas e como aconteceriam;
- Passaram a respeitar a opinião de todos na construção das brincadeiras;
- Aprenderam a dividir de forma justa os brinquedos;
- Passaram a brincar de forma tranqüila;

Numa parte da sala, deixamos um espaço vazio para brincar, sentar e conversar. Este espaço também foi utilizado para dramatizações, encenações, fazer a “rodinha”, cantar e dançar. Observei que as crianças gostavam muito de música. Craidy e Kaercher atentam para o fato das crianças trazerem para a escola aquilo que ouvem em casa, que mesmo não sendo um linguajar próprio ou adequado para as crianças, não devemos reprimir, considerando que a criança não teria compreensão sobre o porquê disto, uma vez que ela vê os adultos ouvindo e se divertindo. Na sala de aula, porém, aproveitando a sugestão das autoras, procurei oferecer uma qualidade melhor quanto às produções musicais.

Procurei encaixar então, algumas músicas dentro da proposta que estava sendo trabalhada, como por exemplo, para trabalhar o nosso corpo, ensinei a música: “Rock tchá, tchá, tchá” que fala sobre as partes do corpo de uma maneira divertida. Criamos junto uma coreografia para a música e todos os dias as crianças queriam se reunir no espaço livre da sala para cantar e dançar. A intenção de promover aprendizagem através dos cantinhos na sala de aula estava sendo muito positiva, podia ver nas crianças a satisfação de participar ativamente das aulas, que procurando desafiar os alunos a todo instante, não se tornava cansativa. Diariamente ouvia comentários dos alunos, o que me mantinha no firme propósito de oferecer oportunidades sempre sugestivas aos alunos.

Ouvi “Mariazinha” e “Pedrinho” falar sobre o “Rock tchá, tchá, tchá”:

– *É bem legal esta música!*

– *Sim, mas eu gosto mais de dançar.*

A sensação musical e o convite ao movimento, incitados quando ouvimos uma musica, são inatos na pessoa. Percebo claramente isso quando vejo meu bebê de 11 meses, minha menininha, a balançar o corpo no momento de ouvir um som.

Aproveitando a deixa das crianças quanto ao gosto pela música, criamos alguns instrumentos musicais que passaram a fazer parte da estante. Concordo com Craidy e Kaercher (2001, p.130) quando dizem que “O manuseio de objetos sonoros é de extrema importância”.

Tendo em vista a necessidade de privacidade das crianças, que é claro, assim como nós adultos também sentem essa necessidade, os cantinhos também vem desempenhar esta função, a de possibilitar um refúgio.

Aproveitando uma casinha velha e quase sem uso, organizei com as meninas um cantinho com algumas bonecas, roupinhas, panelinhas, pratinhos, bichinhos de pelúcia, ferro de passar, uma mesinha e outras coisinhas que as próprias meninas resolveram colocar. Estavam mais confiantes e decididas.

Observando o comportamento das crianças, entendo que realmente “os cantos estruturados, organizados e reorganizados de tempos em tempos, promovem interações e autonomia para os pequenos”. (SILVA *et al*, 2009, p.159)

De vez em quando ouvia frases do tipo: *“Como a nossa sala tá ficando legal!”*, *“Vou trazer minha mãe pra ver como a sala tá bonita!”* Isto demonstrou a satisfação que as crianças estavam sentindo em poder explorar de maneira diferente a sala de aula.

Com o caminho já construído, onde as crianças agora já sabiam se virar sozinhas dentro do espaço da sala de aula, ao longo do tempo fui fazendo alterações, modificando o ambiente de diferentes maneiras, sempre que percebia que as crianças estavam desmotivadas. Crianças são sujeitos extremamente ativos, que requerem “novidades” o tempo todo. Pensando nisto, procurei, na medida do possível, satisfazer suas necessidades. Assim, concordo com Carvalho (2009, p.155) que “de tempos em tempos, é importante reorganizar ou mudar a estruturação de sua sala, para motivar mais as crianças”.

4.2 Brincar é algo sério e importante

As crianças começaram a brincar com mais entusiasmo após a construção dos cantinhos. Na realidade, o brincar faz parte da vida das crianças desde o nascimento, elas só precisam ser encorajadas, estimuladas e as respostas virão espontaneamente.

Acredito que foi isto que aconteceu com meus alunos, que vendo respeitados os seus direitos de brincar, puderam explorar situações diversas, em diferentes lugares na sala de aula.

E tendo os alunos experimentado esta alegria de brincar, já demonstravam em suas atitudes, em suas ações, em suas produções, os reflexos desta independência. Passaram de uma situação de estagnação, onde não sabiam de que e como poderiam brincar, adotando uma postura mais crítica, autônoma, decidida e exploratória.

4.3 Um outro olhar sobre as mudanças

Como vinha de uma realidade muito diferente da que desencadeou minha pesquisa, tive certa dificuldade em aceitar aquela situação, aquela condição de precariedade em que se encontrava a sala da educação infantil. Em muitos

momentos me questioneei quanto ao que a escola pretendia oferecer aos alunos considerando aquele contexto. E quanto aos pais, estavam satisfeitos com o que estava sendo proposto, com a sala de aula onde seus filhos passariam grande parte do dia? Me senti em alguns momentos constrangida, quando algum pai ou mãe batia à porta desejando buscar seu filho um pouco mais cedo, uma vez que estavam perto da escola, para não ter que retornar mais tarde novamente, geralmente queriam entrar um pouquinho, pai e mãe normalmente gostam de saber o que seu filho está fazendo na escola.

Embora os pais conheçam a realidade da escola pública, existe um diferencial entre a falta de incentivo dos governos e a vontade do professor de buscar maneiras para tentar minimizar esta realidade. Em minha opinião, cabe ao professor deixar a sala de aula convidativa para os alunos, para que sintam prazer em estar ali.

A partir do momento em que me conscientizei de que aquela seria minha realidade de agora em diante, foi quando decidi que não precisaria aceitar aquela situação como imutável. Ao invés de eu aceitar e me adequar à situação, decidi que a sala de aula mudaria. Que educadora eu seria se me tornasse conivente com algo que eu sei que em nada acrescentaria na vida dos alunos? Sou educador há mais de 20 anos por opção, por gostar do que faço e o que faço procuro fazer da melhor forma possível. Para mim educar não é fazer de conta, mas sim trabalhar para fazer a diferença na vida daqueles que cruzarem pelo meu caminho. Por isso, considero pérolas as palavras de Paulo Freire (1998, p.67): “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”.

Paulo Freire nos fala claramente da beleza de ser professor, do quão maravilhoso é o ato de “ensinar”, mas também atribui ao professor uma grande responsabilidade no seu comprometimento para com seus alunos.

Comecei o estágio com nove alunos freqüentando as aulas, e ao final dele eram quinze. Isto, além de outros fatores, me mostrou que vale a pena acreditar que somos capazes de transformar a realidade à nossa volta.

O tempo foi passando e com ele as mudanças continuavam acontecendo. Tive a aprovação da diretora e coordenadora da escola, ale de outros colegas

professores que eventualmente iam nos fazer uma visita na sala para ver como estavam distribuídos os “cantinhos” propriamente ditos.

Até as alunas do Curso Normal, que de vez em quando iam fazer observações, comentaram: *“Puxa professora, está tudo diferente por aqui!”*

Isto foi muito importante para mim, naquele momento em que estava repensando minha prática, revendo meus conceitos, receber o apoio das pessoas proporcionou segurança.

Tomei como se fossem para mim as palavras de Horn: “Essa educadora não ‘partia do nada’. Tinha intenções claras, respaldadas por referenciais teóricas e por sua própria experiência de vida”. (HORN, 2004, p.45)

Como tive outras experiências anos atrás, onde os alunos usufruíam de cantinhos na sala de aula, cujos espaços proporcionavam muitas aprendizagens do aluno na sua relação com o meio, sabia que estava agindo de maneira correta.

Mas o mais gratificante para mim foi quando vi pais de alunos batendo à porta da sala trazendo sacolas com doações, elogiando a iniciativa, dizendo que os reflexos estavam sendo observados em casa, onde as crianças comentavam sobre o que estavam fazendo em aula, pensando no que poderiam levar para a escola para ajudar a deixar a “sala bonita”.

Então concordo com Freire quando fala que “há sempre o que fazer, há sempre o ensinar, há sempre o que aprender”. (FREIRE, 1998, p.86).

Alguns pais ainda foram até a direção falar de sua satisfação, pois o filho estava adorando freqüentar a escola.

Que alegria saber que uma sementinha plantada por uma atitude em favor do desenvolvimento das crianças, respeitando-as enquanto pessoas, já estavam rendendo bons e desejados frutos.

5 ESPAÇOS ORGANIZADOS – ALUNOS DESAFIADOS

Através da pesquisa realizada, posso concluir que a organização dos espaços escolares é fundamental para o desenvolvimento integral da criança.

A partir do momento que a criança começa a explorar o ambiente por conta própria, faz escolhas por este ou aquele brinquedo, está se tornando crítica e independente.

Os teóricos mencionados ao longo da pesquisa, também apontam a organização dos espaços escolares como fator positivo para o desenvolvimento da ação pedagógica, bem como, da individualidade de cada criança e de suas potencialidades.

Pude perceber que brincando em diferentes espaços na sala de aula as crianças deixaram de ser dependentes, adotando uma postura mais autônoma, onde passaram a buscar brincadeiras e jogos que lhe interessavam como também companheiros com mais afinidade. Na interação das crianças com o meio e entre si ocorreram muitas e significativas aprendizagens.

Ao brincar as crianças representavam situações do seu cotidiano, buscando soluções para seus conflitos, fazendo uma relação entre a fantasia e a realidade. O brincar sustentava as emoções. A escolha pelo “cantinho” de sua preferência estava vinculada a conflitos internos pelos quais a criança estava passando naquele momento. Neste sentido, os cantinhos foram extremamente relevantes para que a criança se encontrasse consigo mesma. Às vezes precisava ficar mais sozinha, em outros momentos necessitava da companhia de alguém, outras vezes seu comportamento sugeria brincadeiras mais ativas, noutras vezes mais calmas e tranquilas.

Enquanto educadora tenho como objetivo trabalhar na formação de sujeitos pensantes, capazes e tomar iniciativa, independentes e seguros. Sendo a escola,

além da família, a base desta formação, não é concebível aceitar situações onde a criança não possa se expressar, onde tenha que permanecer em seu lugar aguardando instruções sobre o que fazer, de que brincar e como deve proceder. É dever do professor trabalhar pelo melhor do seu aluno.

Acredito que diferentes espaços para brincar na sala de aula, tendem a desafiar o pensamento imaginativo das crianças, respeitando suas necessidades e as etapas do seu desenvolvimento. Para mim, posso afirmar que a organização de espaços escolares na sala de aula durante meu estágio foi extremamente relevante para a ação pedagógica. Pude conduzir os temas trabalhados considerando e aproveitando os espaços de preferência dos alunos, como o “cantinho da leitura”, o “cantinho da casinha”, o “cantinho dos jogos e brinquedos”, desta forma, a aprendizagem se deu de maneira natural, tranqüila e satisfatória.

Como sabemos, o brincar é extremamente importante para a criança, lhe permite interagir, relacionar-se, vencer obstáculos, desafiar seus limites e ser feliz. Ao trabalharmos na sala de aula procurando contemplar todos estes itens, estamos contribuindo para que as crianças sejam realmente felizes e vejam na escola seu segundo lar, o qual jamais será esquecido.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

CRAIDY, Carmem. KAERCHER, Gládis E. (org.). **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto alegre: Artmed, 2001.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

CARVALHO, Mara Campos de. Por que as crianças gostam de áreas fechadas? ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. MELLO, Ana Maria. VITORIA, Telma. GOSUEN, Adriano. CHAGURI, Ana Cecilia. (org.). **Os Fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 154 – 155.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Lésia M. Fernandes. OLIVEIRA, Ionice. DIMAS, Carmen. ALVES, Dulcineia. O canto que conta tanto: a organização de pequenos espaços. ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. MELLO, Ana Maria. VITORIA, Telma. GOSUEN, Adriano. CHAGURI, Ana Cecilia. (org.). **Os Fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 159 - 160.